

Idéias

Revista mensal do Sindicato dos Servidores
das Justiças Federais do Estado no Rio de Janeiro
ANO I, número 3 – Junho / 2006

EM REVISTA

VITÓRIA!

Senado aprova PCS

Grande festa do Sindicato

Botequim do Sisejufe volta em
grande estilo no dia 27 de outubro

Direita israelense ameaça cartunista brasileiro

Adivinhem só! Estou sendo ameaçado pelo Likud, partido de direita israelense (do qual fazia parte o carniceiro de Sabra e Shatila, Ariel Sharon). Numa página associada ao Likud (<http://www.likudnik.co.il/Front/NewsNet/reports.asp?reportId=171273>) minha foto e alguns de meus cartuns são apresentados.

Além das acusações de sempre (nazista, anti-semita...) eles dizem que "deveriam ter cuidado desse Carlos há muito tempo, de um jeito ou de outro".

Veja a tradução do hebraico do conteúdo da página:

Carlos Latuff

Ele tem uma referência no Wikipédia. No Google você pode encontrar oito páginas a seu respeito. Mas e o que o Ministério de Assuntos Exteriores sabe sobre ele? E o Mossad? E o Comitê de Assuntos Externos e Segurança? E o exército israelense? Ou qualquer outro que trate da segurança de Israel?

Carlos Latuff - um sobrenome árabe. Nascido no Rio de Janeiro, 36 anos. Em sua página ele aparece numa foto com Leila Khaled, a terrorista que seqüestrou um avião israelense. Ele é um dos que mais odeiam Israel.

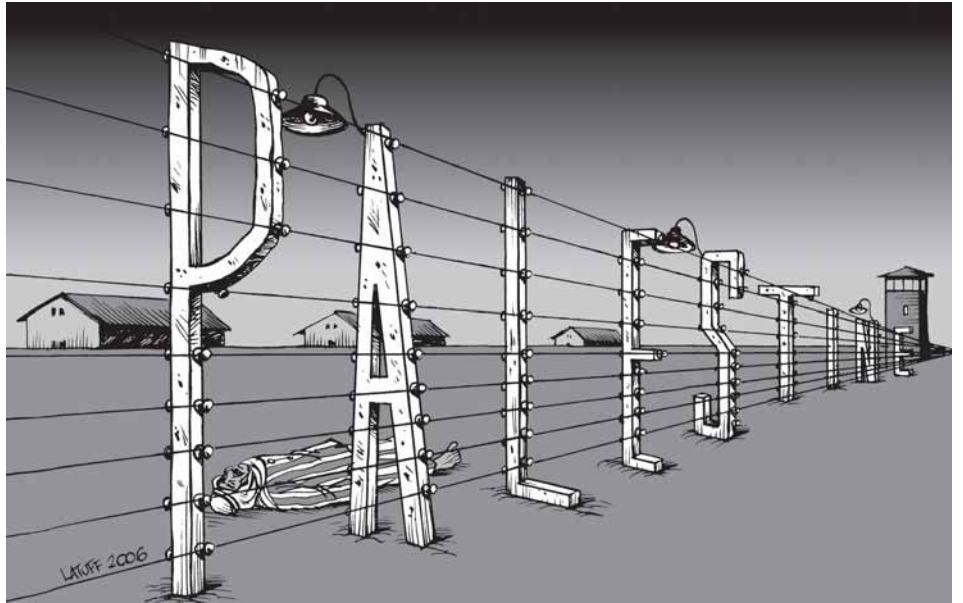
Ele é o cabeça de uma das maiores indústrias de propaganda e incitamento contra Israel. Ele destila veneno por toda parte. O dano que ele está fazendo a Israel, junto a juventude mundial, é enorme. Ele é um dos mais influentes anti-sionistas da rede mundial de computadores, um talento gráfico fantástico e um grande cartunista.

Ele sabe como influenciar através da Internet. É o campeão da indústria de maldades iraniana e seus cartuns participam da galeria de negação do Holocausto de Teerã. Ele odeia a América e Israel, seus cartuns mostram os israelenses e seus líderes como demônios. Ele envia mísseis de ódio não menos potentes que aqueles que o Irã está desenvolvendo, e faz parte de gigantesca indústria genocida, cuja missão é a destruição do Estado judeu.

Em um impressionante vídeo, em bom inglês, ele está tentando unir todos aqueles que odeiam Israel. Neste vídeo, distribuído pela Internet, ele conclama a serem ativos e participar da luta no front da informação - escrevendo histórias, poemas, blogs, conversando, tirando fotos, participando de encontros e manifestações, sendo ativos e unidos.

Seus cartuns satânicos são publicados em jornais por todo mundo e em inúmeras páginas pela Internet. Ele abre mão de di-

Um pequeno exemplo das táticas sujas de IsraHell



reitos autorais e clama as pessoas a usar suas imagens livremente.

E o que Israel está fazendo? Nada!!!

Houveram reclamações à embaixada do Brasil?

Imagine o que aconteceria a um cidadão israelense que expusesse os líderes brasileiros dessa maneira. Alguém já tentou processá-lo por incitamento e tentativa de homicídio? Alguém pelo menos já ouviu falar dele? Esta é a arma de destruição em massa que o professor Harari, ex-diretor do Instituto Weizman, se referia na última convenção de Hertzlia. Esse é o perigo que o professor Yoav Gelbar vem alertando publicamente. Foi isso que trouxe os líderes do Congresso Judaico a Israel esta semana.

Esse descuido de Israel no front da informação é inaceitável e não pode continuar. Deveriam ter cuidado desse Carlos há muito tempo, de um jeito ou de outro. A pergunta é: o que nós devemos fazer e a quem compete a responsabilidade de fazer?

Chamo vocês a serem ativos. Não existe qualquer instituição que possa enfrentar essa guerra genocida.

Nem o Ministério de Relações Exteriores, nem o Ministério da Defesa ou qualquer outro ministério. Nós devemos, como

sugere Carlos, nos unir e agir em conjunto.

Nós estamos testemunhando uma ação sistemática que visa dar legitimidade para atacar o "demônio sionista".

Carlos Latuff se destaca nessa forma de propaganda. O problema será resolvido - a "solução final" - pelo presidente iraniano, que adora esses tipos de desenhos e cartuns, a Alemanha nazista, a negação ao Holocausto, o Hezbollah e seus mísseis. Esta é a razão pela qual ele precisa de uma usina nuclear para matar aquelas criaturas asquerosas que Latuff está desenhando, e então o mundo será um lugar melhor. Houveram outros que tentaram isso antes, lembram-se?

Goebbels foi o ministro da propaganda do Terceiro Reich e fez da propaganda uma poderosa arma do regime nazista. Sua premissa básica era de que uma mentira dita muitas vezes se tornaria verdade na consciência do povo. Agora sabemos que Hitler utilizou isso em seus livros durante o Holocausto. As coisas que são ditas contra Israel em fóruns da Internet e através de imagens são cópias da propaganda nazista. Essa é uma ideologia genocida que provou seu poder no passado"

Naturalmente podemos esperar qualquer coisa de IsraHell. Se eles podem cometer "assassinatos seletivos" de palestinos e cobrir Beirute com toneladas de bombas matando centenas de civis, não seria difícil "neutralizar" um cartunista no Brasil, seria? Ameaças de morte, tentativas baratas de me aterrorizar, contudo, não vão impedir que eu continue apoiando a luta dos palestinos contra a brutal ocupação israelense. Tudo o que os capangas do Likud podem fazer é me silenciar com uma bala, mas nunca serão capazes de silenciar minha arte.

Latuff

08 de setembro de 2006 - Rio de Janeiro Brasil

Grande Imprensa do lado da direita na eleição

Às vésperas das eleições para presidente, a mídia conservadora apronta mais uma com o povo brasileiro. Diante de um dos que poderiam ser considerado um dos maiores escândalos da história da República, jornais, revistas e Tvs mudam foco da cobertura dos acontecimentos políticos do país. As últimas manchetes dos meios de comunicação alardeiam o caso de uma possível compra de dossiê que envolveria os candidatos tucanos à Presidência, Geraldo Alckmin, e ao governo de São Paulo, José Serra, com a máfia dos sanguessugas. No entanto, a verdade é que os fatos sumiram. A grande imprensa parece não ter se interessado em buscar o que realmente aconteceu.

Os indícios são fortes e precisavam ser investigados. A denúncia de que o então ministro da Saúde, José Serra, e o então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, estariam enrolados até o pescoço com os sanguessugas passou sem ninguém perceber. Nem a existência de um vídeo, que comprovaria a participação dos dois tucanos de alta plumagem num suposto esquema das ambulâncias foi levada em consideração. O tal gravação seria de uma solenidade. Haveria também seis fotografias (quatro delas de Serra no mesmo evento e duas de Geraldo Alckmin cumprimentando uma pessoa que, segundo a PF, seria ligado à tal máfia. As imagens teriam sido gravadas durante o 48º

Congresso Estadual de Municípios, em 2004. Mas o que se tem visto.

Toda a preocupação, agora, está voltada para a apuração da compra de um dossiê que conteria as informações comprometendo os tucanos. Ou seja, os indícios que teriam resultado no dossiê não foram levados em conta. A grande imprensa não se preocupou com esses detalhes, apenas se coloca no papel de julgar e condenar o governo Lula.

Manipulação eleitoral da notícia, sem busca dos fatos. Qual seria a manchete se o flagrado fazendo a entrega de 40 ambulâncias da Planam fosse o ex-ministro Humberto Costa? O acusado, José Serra, virou vítima. A denúncia do fato (corrupção ativa e passiva), virou detalhe. A mídia tomou partido, absolveu Serra e condenou sumariamente Lula e o PT. Agora, alguém ainda tem dúvida de que lado a grande mídia televisiva e impressa joga?

Elles perderam a chave do cofre, não podem mais usar o palácio do planalto para defender os interesses americanos no Brasil. Lula acabou com a privatária Tucana. Agora eles querem voltar. Se necessário for mentindo, omitindo, manipulando. Porque esconder de todo o público uma gravação que revela que a máfia dos sanguessugas teria começado com Fegacê e Zé Serra?

A quem interessa a volta do PSDB/PFL? Com certeza, não ao povo brasileiro!



Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE PROVISÓRIA: Senador Dantas 117 - Sala 1541 - Centro - Rio de Janeiro-RJ CEP 20031-911

TEL./FAX: (21) 2215-2443

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silva da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Mário Augusto Jakobskind (RJ 13.389/JP)

REDAÇÃO e REVISÃO:

Max Leone (Mtb 18.091)

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:

Claudio Camillo (Mtb 20.478)

ILUSTRAÇÃO:

Latuff

IMPRESSÃO:

PALAVRAS PINTADAS Editora e Gráfica Ltda. (6.500 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Vitória da greve	2	Campanha da CUT lutará por reivindicações comuns	15
Um novo olhar sobre Angola	3	Nei Lopes: um resistente cultural do samba de raiz	16 a 18
Denúncia do Sisejuferj-RJ ao TCU	4	O eleitor médio de Lula e a questão da auto-estima do pobre e do trabalhador	19
Trilhando novos caminhos	5	O dilema da santa aliança contra Lula	20
Guarnieri e a revolução no teatro brasileiro	6	As eleições no Brasil, os trabalhadores e a América Latina	21
Yo soy, tú eres	7	A soberania de Cuba deve ser respeitada	22
Tecendo a manhã	8	A dupla moral do ocidente	23
Fulgêncio Pena Branca	9	Regras do jogo	24
Aracruz roubou as terras tupiniquins e guaranis	10		
Neruda: lírico e comunista	11		
A épica revolucionária cubana	12 e 13		
Igualdade de gênero e raça, erradicação da pobreza e geração de emprego	14		

VITÓRIA da greve



Diretores do SISEJUFERJ Lucilene Araujo, Válder Nogueira, Otton da Conceição e colegas de outros estados no Congresso Nacional.

Depois de aprovação do projeto do nosso PCS, a preocupação da FENAJUFE e dos sindicatos filiados é garantir a sanção da lei pelo presidente Lula. Em seguida, virá a implementação do novo plano. A diretoria da Federação vem acompanhando o andamento do projeto, que está na Subsecretaria de Expediente do Senado para ser encaminhado à Presidência da República e, assim, ser sancionado imediatamente.

Também tramita no Congresso o PLN 11/06, que altera a Lei Orçamentária para garantir recursos para a implementação das primeiras parcelas do plano. O projeto está na Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização do Congresso. Para que os servidores comecem a rece-

Um ano de muita luta

O projeto do nosso PCS levou um ano para ser aprovado. Foi preciso muita luta, mobilização e organização da categoria, da FENAJUFE e dos sindicatos filiados à federação. A nossa batalha foi coroada nos dias 5 e 6 de setembro quando o Congresso votou o projeto e aprovou a implementação do plano. A nossa luta teve início em 2003 com a greve da GAJ de 30%, que abriu as negociações para o projeto, passou pela greve de setembro de 2005 e por final, veio a paralisação das atividades para aprovação na Câmara e no Senado. A categoria está de parabéns pela maturidade demonstrada durante o processo de aprovação, assim como a Federação e os sindicatos, entre eles, o SISEJUFE-RJ, pela condução de forma séria e eficiente da nossa luta.

ber as melhorias salariais a partir deste ano é preciso que a suplementação orçamentária seja aprovada pelos parlamentares. Na avaliação da direção da FENAJUFE, o projeto deve ser votado entre as duas primeiras semanas de outubro.

Apesar da necessidade de altera-

ção na Lei Orçamentária, a sanção do projeto do PCS não depende da aprovação do crédito suplementar, por isso a Federação vem pressionando a Subsecretaria de Expediente do Senado para que os sejam sejam despachados logo para a Presidência da República ■

Um novo olhar sobre Angola



Texto e fotos Vinicius Souza e Maria Eugênia Sá

No caldeirão de sangue, língua e culturas da formação do povo brasileiro, a África é um dos grandes ingredientes. E de seus temperos, Angola é talvez o mais saboroso. O que seria de nós sem expressões como samba, bunda e quizumba, todas vindas de um dos principais idiomas angolanos? Os braços que sembravam e moíam os canaviais da colônia eram negros. Assim como as amas de leite, as mucamas dos senhores e afê sincretizada no candomblé. E toda uma legião de artistas, escritores, músicos...

Mesmo durante o alinhamento capitalista-estadunidense de nossos militares no auge das ditaduras da Guerra Fria, o Brasil não se furtou a ser o primeiro país a reconhecer a independência de nossos irmãos do jugo tardio Português. E nos seguintes 27 anos de conflito civil, deu abrigo a milhares de refugiados. Não mais transportados em navios negreiros e vendidos como animais nas feiras, mas ainda saudosos de sua terra-mãe e dela forçosamente separados. A maior parte veio dar na antiga capital do império. A Baía da Guanabara até lembra a de Luanda. Laços como esses não se rompem jamais!

Contudo, hoje é preciso limpar os olhos dos preconceitos para reconhecer nosso reflexo no espelho de Angola. Nossos sonhos e esperanças, temores e problemas são tão incrivelmente semelhantes. Somos de fato um mesmo povo, separados por um cada vez mais estreito leito d'água chamado Atlântico. Não acredita? Então venha ver a mostra fotográfica Angola – A Esperança De Um Povo, de 27 de outubro a 10 de dezembro no Centro Cultural Justiça Federal, Av. Rio Branco, 241, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro. É hora de celebrar a unidade, a consciência e a solidariedade.

Denúncia do SISEJUFE/RJ ao TCU

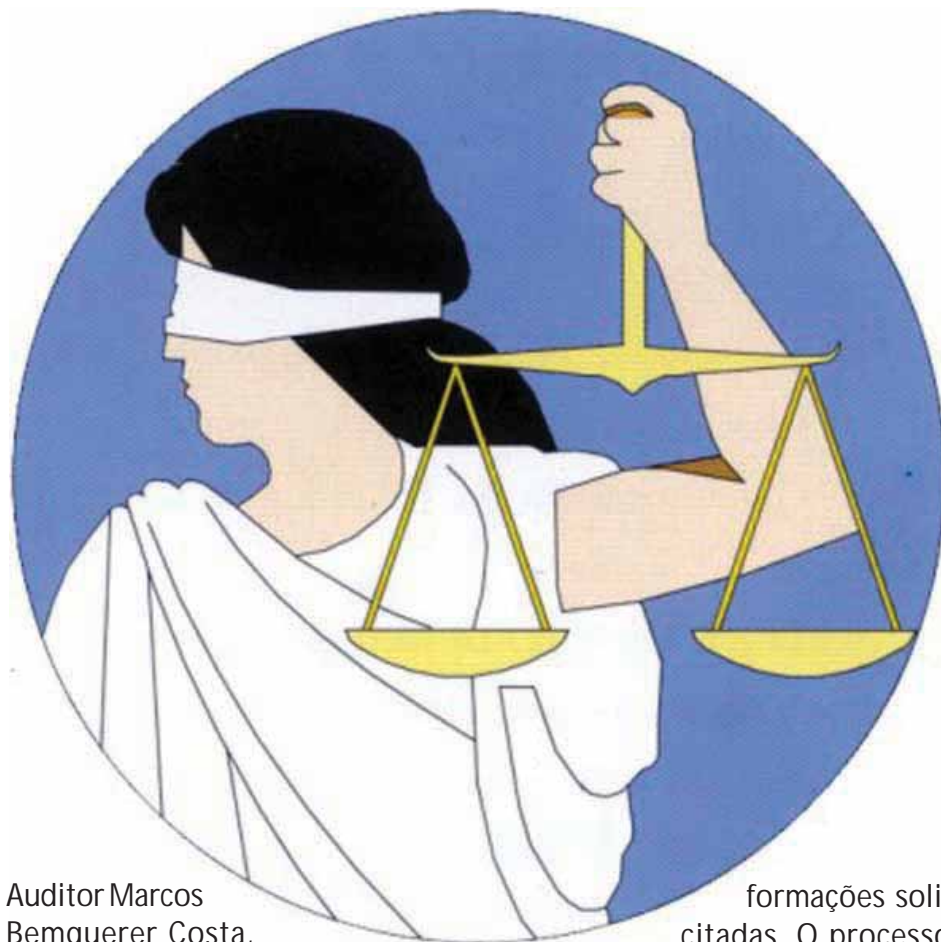
Ilegalidade da manutenção de requisitados em FC de chefes de cartório avança e adquire amplitude nacional

O SISEJUFE/RJ protocolou, em 25 de maio de 2006, denúncia junto ao Tribunal de Contas da União solicitando providências acerca do descumprimento da Lei nº 10.842/04 e da Resolução TSE nº 21.832/2004 pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro.

A medida existe para preservar o princípio da legalidade no âmbito do TRE/RJ, tendo em vista que o órgão não deu cumprimento à obrigação de preencher todas as funções comissionadas de chefes de cartório com servidores do seu quadro de pessoal. Esse procedimento deveria ter sido adotado até 31 de julho de 2005, conforme o artigo 12 da resolução, afastando-se todos os ocupantes de FC estranhos aos quadros do TRE/RJ.

O pedido de cautelar foi indeferido, por despacho do relator em 20 de junho de 2006, não por discordância quanto à questão de mérito, mas sob o fundamento de que, com a proximidade das eleições, a destituição de vários chefes de cartórios eleitorais das respectivas funções comissionadas atrapalharia o pleito.

No entanto, dando maior extensão à denúncia movida pelo SISEJUFE/RJ, o relator do processo,



Auditor Marcos Bemquerer Costa, além de solicitar informações ao TRE/RJ, alvo principal da denúncia, solicitou também a todos os demais Tribunais Regionais Eleitorais.

Até o presente momento, o TRE/RJ, através do Ofício GP/SERH nº 399/06, de 05 de julho de 2006, assim como os demais tribunais, à exceção do TRE/RR, prestaram as in-

formações solicitadas. O processo avança no sentido de identificar todos os ocupantes das chefias de cartório eleitoral que não são servidores efetivos do quadro de pessoal da Justiça Eleitoral.

Em obediência à legalidade e à moralidade, o SISEJUFE/RJ espera que o TCU determine as medidas que, há muito tempo, deveriam ter sido adotadas pelo TRE/RJ.

Trilhando novos caminhos

José Roberto Magalhães e Marlana Rego Monteiro dos Santos (*)

É neste contexto de decomposição e dilapidação em que se encontra a Educação, que os pré-vestibulares populares têm um papel importante a cumprir, que não se restringe somente a dar a matéria ou passar o cronograma curricular, ou somar o número de aprovados, para justificar se o trabalho desenvolvido neste ou naquele curso é de qualidade. Para nós, que atuamos nos pré- alternativos, não podemos reduzir a nossa atuação à lógica do capital e do mercado.

Nos cabe a construção do sujeito crítico e ativo do processo histórico, o resgate de nossa identidade cultural, que, ao longo de cinco séculos, tem sido duramente reprimida e atacada. O elemento central de todo esse processo, o qual não podemos deixar de abordar, é a construção da consciência de classe, que possibilite vislumbrarmos uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Os dados que vêm a seguir demonstram claramente o caos; mas, nem por isso, justificam o desânimo de nossa parte e nem muito menos a cooptação por parte do sistema, quando afirma que existem poucos capacitados e devemos preparar e estimular esses iluminados, sendo que os demais são vistos como seres desprezíveis e descartáveis.

Nós não acreditamos nesta tese, que não tem nenhuma base científica; apostamos, sim, que todos, sem exceção, tenham condições de absorver conhecimentos e informações, desde que sejam estimulados e que as condições básicas sejam oferecidas.



“Em todo o mundo são 400 milhões de crianças que trabalham, um milhão se prostituem e 12 milhões morrem por ano. São 143 milhões de crianças que não vão à escola em todo o planeta!”

Somente no Brasil, 12 milhões de crianças trabalham, um número maior que a população de Portugal. Sendo que dos 12 milhões, 7,5 milhões têm entre 10 e 14 anos e 4,5 milhões entre 14 e 17 anos; e, ainda, 57,8% não recebem nada de remuneração pelo seu trabalho, e estão sem condições de frequentar a escola. Em todo o mundo são 400 milhões de crianças que trabalham, um milhão se prostituem e 12 milhões morrem por ano. São 143 milhões de crianças

que não vão à escola em todo o planeta!

Queremos inverter a lógica do capital no espaço político da Educação, que no Brasil proporciona aos ricos estudarem em universidades de qualidade, as universidades públicas. Públicas no sentido de pagas por todos, inclusive os pobres, que por meio dos impostos subsidiam os estudos dos filhos das elites até o doutorado. Propomos: universidades públicas para o povo – pagas por nós e universidades privadas para os ricos – pagas por eles.

Por isso, entendemos que os Pré-Vestibulares

Populares são espaços políticos a serem construídos muito mais como Pré-Universitários Populares, isto é, preparatórios à inclusão no espaço da universidade pública, no acesso ao poder do conhecimento socialmente acumulado e sistematizado, e na elaboração de novos saberes a partir e sob o poder do próprio povo. Ao começarmos a discutir os nossos objetivos coletivamente, com os demais companheiros que atuam nos pré, propomos iniciar uma campanha pelo fim do vestibular. Esta bandeira agrega inúmeros setores e a partir daí atrainemos o debate para o campo da Educação, do sistema educacional que queremos, entre tantos outros debates que estão inseridos nesta temática ■

(*) São servidores da Justiça Federal no Rio de Janeiro

GUARNIERI e a revolução no teatro brasileiro

Augusto Buonicuore (*)

Gianfrancesco Guarnieri nasceu em Milão no ano de 1934. Na época, a Itália vivia a sombra de uma ditadura fascista. Por isto foi com alegria que seus pais receberam o convite para trabalhar no Brasil. Estávamos às vésperas da decretação do Estado Novo e Gianfrancesco tinha apenas 2 anos de idade. Sua experiência como autor teatral começou ainda no colegial. A primeira peça obteve um grande sucesso entre os estudantes. Mas, por satirizar um vice-diretor autoritário, foi censurada e seu autor "convidado" a abandonar o colégio. Logo após ingressou na Juventude Comunista e foi eleito presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas e vice-presidente da União Nacional dos Estudantes Secundaristas.

Quando se mudou para São Paulo, em 1953, foi indicado para a Secretaria-Geral da União Paulista dos Estudantes Secundaristas. Promovido à condição de membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), passou a dar assistência para algumas organizações de base, especialmente a de intelectuais. Foi nesta função que retomou os contatos com a cultura e, em 1955, organizou o Teatro Paulista dos Estudantes (TPE). Paralelamente, desenvolvia-se outra experiência inovadora: a formação do Teatro de Arena. A sede das duas entidades ficava na mesma rua e como os estudantes não tinham lugar para ensaiar, resolveram se unir ao pessoal do Arena.

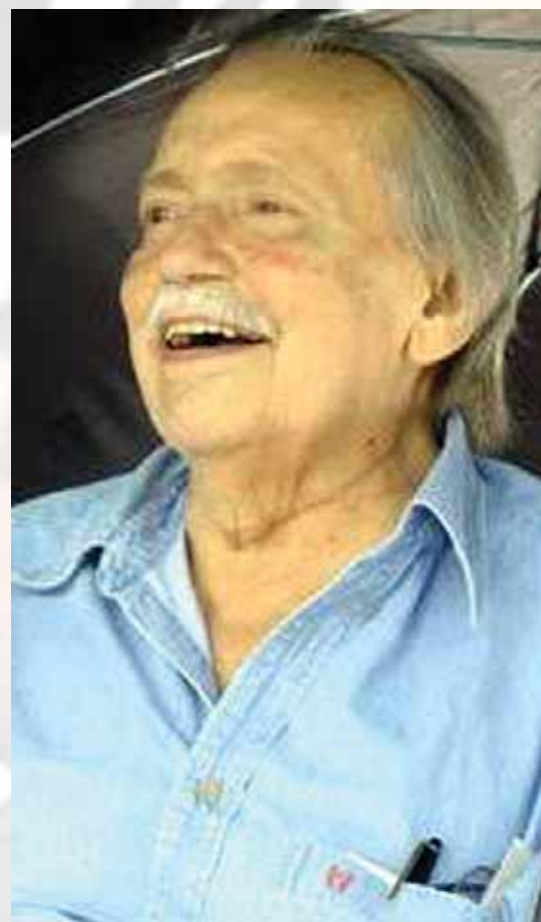
Esta união renderia bons frutos. No entanto, em 1957 o Arena entrou numa profunda crise e resolveu fechar as portas. A peça de despedida chamava-se "Eles não usam Black-Tie".

Ela levou aos palcos, pela primeira vez, a luta dos operários, dos morado-

"Promovido à condição de membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), passou a dar assistência para algumas organizações de base, especialmente a de intelectuais"

res dos favelas e dos subúrbios brasileiros. A peça obteve um estrondoso sucesso e salvou o teatro da falência. Seguindo na trilha de "Black-tie", em 1961, Guarnieri escreveu "A Semente" que descrevia a atuação dos militantes do Partido Comunista durante uma greve. Vivíamos em meio a recrudescimento da Guerra Fria. Houve forte pressão para que a encenação não fosse autorizada e a peça acabou proibida. Em março de 1964, Guarnieri estreou a peça "O filho do Cão", cujo tema era a vida dos camponeses no nordeste, um assunto explosivo na época. Com o golpe militar, ela saiu de cartaz e o Arena fechou as portas por algum tempo.

Perseguido pelo novo regime, Guarnieri teve que fugir do país. O exílio, no entanto, durou apenas três meses. De volta a São Paulo elaborou um novo projeto: colocar nos palcos as lutas do povo brasileiro. As duas primeiras peças foram: "Arena conta Zumbi" e "Arena conta Tiradentes". O endurecimento do regime após o AI-5, no final de 1968, criou enormes dificuldades para a criação artística. As metáforas passa-



ram a substituir o discurso direto. Por meio delas, os artistas procuravam denunciar a falta de liberdade política e até mesmo a tortura. Neste clima Guarnieri escreveu e encenou "Castro Alves pede passagem" (1971), "Um grito parado no ar" (1972), "Botequim" (1972) e "Ponto de Partida" (1976). O Brasil está de luto pela morte deste gênio do teatro ■

(*) Augusto C. Buonicuore - Historiador, doutorando em Ciências Sociais/Unicamp, membro do Comitê Central do PC do Brasil, do conselho de redação das revistas Debate Sindical e Princípios, do conselho editorial da revista Crítica Marxista e diretor do Instituto Maurício Grabóis (IMG).

Yo soy, tú eres

Glória Horta (*)

Com que humildade nos reunimos numa sala feia na feia avenida Presidente Vargas e, indiferentes às nossas idades, de 18 a 70, começamos juntos a dizer yo soy, yo soy, tu eres. Que gracinhas somos. Alguns depoimentos revelam quem começa a estudar espanhol porque não consegue mais fazer o dever de casa com o filho, ou ensinar ao neto, se cala. Quem odeia a língua mas precisa. Quem guia, quem viaja. E gente como eu, que lê mas não fala.

Há guerras, há sanguessugas, há desvio de dinheiro público, há fome, há tortura, há uma explosão de ataques em São Paulo nesse momento e há o nosso próprio envelhecimento, uma violência silenciosa que se passa no interior do corpo e contra a qual não podemos sequer escrever cartas indignadas aos jornais de grande circulação. Entre ginásticas e vitaminas, nada nos resta a não ser aceitar a dor da perda do poder da juventude, o constrangimento da verdade do espelho que revela a lentidão de nosso desaparecimento, o embaraço de encontrar velhos os velhos amigos moços que embelezavam a vida, belos senhores, que foram nossos amores. Ficam mais sós quando se tornam avós.

Há mísseis, há libaneses e israelenses debaixo de fogo, há trombadinhas nas esquinas e 98 ataques do crime organizado contra a cidadania desorganizada e pasma, não há leitos em hospitais públicos, e há nossa própria decadência física que se enraíza muito lenta-



“Afeto. Ternura. A filha está linda e a vida está dura. Pero mañana por la mañana estaremos juntos.”

mente em rugas pequeninas, em fios brancos crescendo feito mata, a despeito da tinta com que colorimos os pêlos, os cabelos, a vida.

Há roubalheira, mamata, bombardeios, barrigas, seios, solidões, silêncios, e são muito mais quando o ninho

está vazio e a menina do frescobol anseia por um neto.

Afeto. Ternura. A filha está linda e a vida está dura. Pero mañana por la mañana estaremos juntos. E não teremos medo de seqüestros nem de espelhos. Apesar das seqüelas. Estudantes que se expõem aos erros, sin duda, viveremos. Que a natureza nos avance na idade, invasiva e sorradeira, enquanto explode a cidade e roubam carteiras e dinheiro, de ambulâncias falsas, as que nos socorreriam. Yo soy, viste? Y tu eres. Ninguém nos mata a curiosidade. (www.gloriahorta.ne) ■

(*) Servidora do CCJF.

Tecendo a manhã

João Cabral de Melo Neto
Brasil (1920-1999)

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele soltou
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.



João Cabral de Melo Neto, poeta e diplomata, natural de Recife (9 de janeiro de 1920), é um dos mais importantes poetas brasileiros. Autor de uma vastíssima obra, João Cabral celebrou-se ao produzir o antológico *Morte e Vida Severina*, em 1966, peça musicada por Chico Buarque de Holanda. Em dezembro de 1946 entrou para o Itamaraty passando com destaque em concurso do Instituto Rio Branco. Em 1952, depois de servir em Londres, Cabral retorna ao Brasil para responder a um inquérito em que foi acusado de subversão. O inquérito foi arquivado. Morre em 9 de outubro de 1999, aos 79 anos, sendo que durante 30 anos foi membro da Academia Brasileira de Letras.



Rosinha não acredita na evolução das espécies

Continuando nas plagas cariocas (o que prova que aquela história de que o Rio é o estado mais adiantado do Brasil, em termos de cultura, é muito, muito relativa e exagerada), a mistura de governadora e "pedagoga" Rosinha Garotinha, provando que efetivamente não cresceu, quer, para avanço da Educação rumo à era medieval, a instituição do ensino religioso obrigatório nas escolas e a substituição do ensino da teoria da evolução pelo gênesis (coisa com a qual, nem padre com mínimo de ilustração concorda). A política é obra de uma governadora que anunciou em entrevista a O Globo: "Não acredito na evolução das espécies. Tudo isso é teoria".

Ela não pode acreditar que o homem descenda do macaco. Será que ela acredita que a Terra é redonda e gira ao redor do Sol?

Algumas de esquerda:

Numa discussão acalorada sobre a questão da guarda dos filhos após o divórcio, minha amiga Radicália Sectária, militante do PSSS (Partido da Seita Socialista Sectária), propôs a divisão da guarda dos filhos entre os casais. Foi objetado que as próprias mulheres não desejavam esta divisão, que, em geral, a mulher prefere ficar com os filhos do casal, inclusive se falou sobre o instinto materno, no que ela rematou triunfal:

– O instinto materno é uma invenção burguesa.

Freud está se revirando no túmulo...

Sem microfone

Aconteceu no Rio de Janeiro, dois ótimos causos, que me foram contados por meu camarada, David Cordeiro Baptista.

Bem, na primeira, um DCE de uma universidade qualquer do Rio, no período de fim da ditadura, início da abertura, 11 diretores, 5 do PCB, 5 do PC do B e um outro sem filiação partidária. Reunião para decidir quem falaria em nome do DCE, num grande ato na Praça da Cinelândia, no dia seguinte, como ninguém queria ceder, decidem que o companheiro independente fará as honras da casa. Chegado o comício, o orador destacado sobe ao palanque e ataca:

– Dizem que somos intransigentes, mas intransigente é esta ditadura, que não nos deixa votar, escolher nossos rumos...

Aplausos entusiásticos.

– Dizem que nós somos autoritários, mas autoritário é esta ditadura, que não nos deixa votar, que prende, que bate, que tortura...

Novos aplausos, ainda maiores.

– Dizem que nós somos comunistas, mas comunista é esta ditadura...

Tiraram o microfone dele...

Trocando as bolas

Ainda no Rio, em um comício qualquer de estudantes, um dos dirigentes vai anunciar a presença de quem depois seria senadora e governadora, Benedita da Silva, que já usava o mote de: mulher, negra e favelada. O companheiro, emocionado pela presença dela, trocou as bolas:

– Aqui temos um exemplo, uma lutadora, alguém que não se curvou diante das dificuldades. Alguém que APESAR de ser mulher, APESAR de ser negra, APESAR de ser favelada...

Nem pôde terminar a apresentação e ouviu poucas e boas no palco... Quem mandou trocar o sendo pelo apesar de?

(*) Escritor, alcoólatra hipocondríaco, escreve de graça para esta coluna por falta de coisa mais útil para fazer.

Aracruz roubou terras tupiniquins e guaranis

O que se espera é que o ministro da Justiça apenas cumpra o prometido ()*

Como todos sabemos, nas décadas de 1960/1970 a empresa Aracruz, sob o manto da ditadura militar, se apoderou de cerca de 18 mil hectares de terras indígenas, pertencentes aos povos Tupiniquins e Guaranis, no Norte do Espírito Santo. As terras foram utilizadas para o cultivo das plantações industriais de eucalipto e viabilizar a fábrica de celulose. Para tripudiar e demonstrar seu total desprezo por nosso povo, a empresa de origem norueguesa e britânica (grupo Lorentzen e BAT) colocou as instalações industriais na beira do mar, bem em cima do que havia sido uma aldeia, com cemitério indígena e tudo.

Mas os tempos foram mudando. Há uns dez anos com a retomada da luta indígena, a empresa ofereceu então uma indenização anual, para que os povos nativos não reclamassem mais suas terras. Mas terra indígena não é questão de arrendamento ou indenização!

A luta seguiu. No dia 20 de agosto os antropólogos da Funai entregaram

toda a documentação para o ministro da Justiça, Márcio Tomás Bastos, comprovante de que não há nenhuma dúvida. Aqueles terras sempre foram, desde tempos imemoráveis, territórios dos Tupiniquins e dos Guaranis. O mi-

nistro se comprometeu, em recente visita ao Espírito Santo, que ao receber o processo com os documentos, assinaria portaria delimitando a área, para iniciar a fase final de demarcação definitiva do local área aqueles dois povos. A medida devolverá assim um direito justo, aos povos indígenas, vilipendiados pelo Estado brasileiro a serviço de uma empresa internacional de exportação de celulose.

Diante disso, pedimos a que todas as pessoas de boa vontade, que enviem suas mensagens ao ministro Márcio Thomas Bastos, para que apenas cumpra com sua palavra e assine a portaria que define os limites das terras Tupiniquins e Guaranis. Escreva para gabinetemj@mj.gov.br.

Divulguem entre seus amigos e nos meios alternativos de informação este pedido. É bom lembrar também, de que a mesma empresa, no mesmo período, tomou as terras de aproximadamente dez mil famílias de camponeses negros, descendentes de quilombolas, na região. A Aracruz se aproveitou que eles não possuíam títulos de suas terras e viviam como posseiros ■

(*) Texto da Secretaria de Direitos Humanos do MST



Neruda: lírico e comunista

Renato Gianuca (*)

Setembro, 1973. Dia 11 de setembro: os militares consumam um golpe já anunciado. Derrubam e matam o presidente Salvador Allende. Iniciam a ditadura, e seus efeitos são sentidos até hoje naquele país. Doente, o poeta Pablo Neruda, batizado Neftalí Reyes Basoalto, morre dias depois (23/09/1973), aos 69 anos, em sua residência em Isla Negra. Desaparece cercado e isolado pelos militares. Seu enterro, no Cemitério Geral de Santiago do Chile, foi talvez a última manifestação pacífica de seus milhares de admiradores, vigiados de perto pela repressão.

“Nadie sabe donde enterraron/ los asesinos estos cuerpos/ pero ellos saldrán de la tierra/ a cobrar la sangre caída / en la resurrección del pueblo”. São versos de Neruda, comunista e romântico, em “Canto General” (editora Seix Barral, Buenos Aires, 1997). Dois terços desta obra foram escritos durante a clandestinidade do poeta, entre 1948-1949, antes de seu exílio no México, Guatemala, França e outros países europeus. Mais tarde, em 1969, com a volta à legalidade do Partido Comunista do Chile, Neruda é lançado candidato da legenda à Presidência. Mas prefere apoiar seu amigo socialista Salvador Allende. Dois anos após, em 1971, recebe o Prêmio Nobel de Literatura.

Mais que poeta e herói político, Neruda é considerado por parte da crítica literária ocidental como um visionário. Ele é conhecido mundialmente por versos onde exalta o amor e a natureza. Cônsul chileno em Barcelona, envolvido no turbilhão da guerra civil de 1936, sofreu com o fuzilamento de seu amigo espanhol Federico García Lorca por parte das

tropas do generalíssimo Franco.

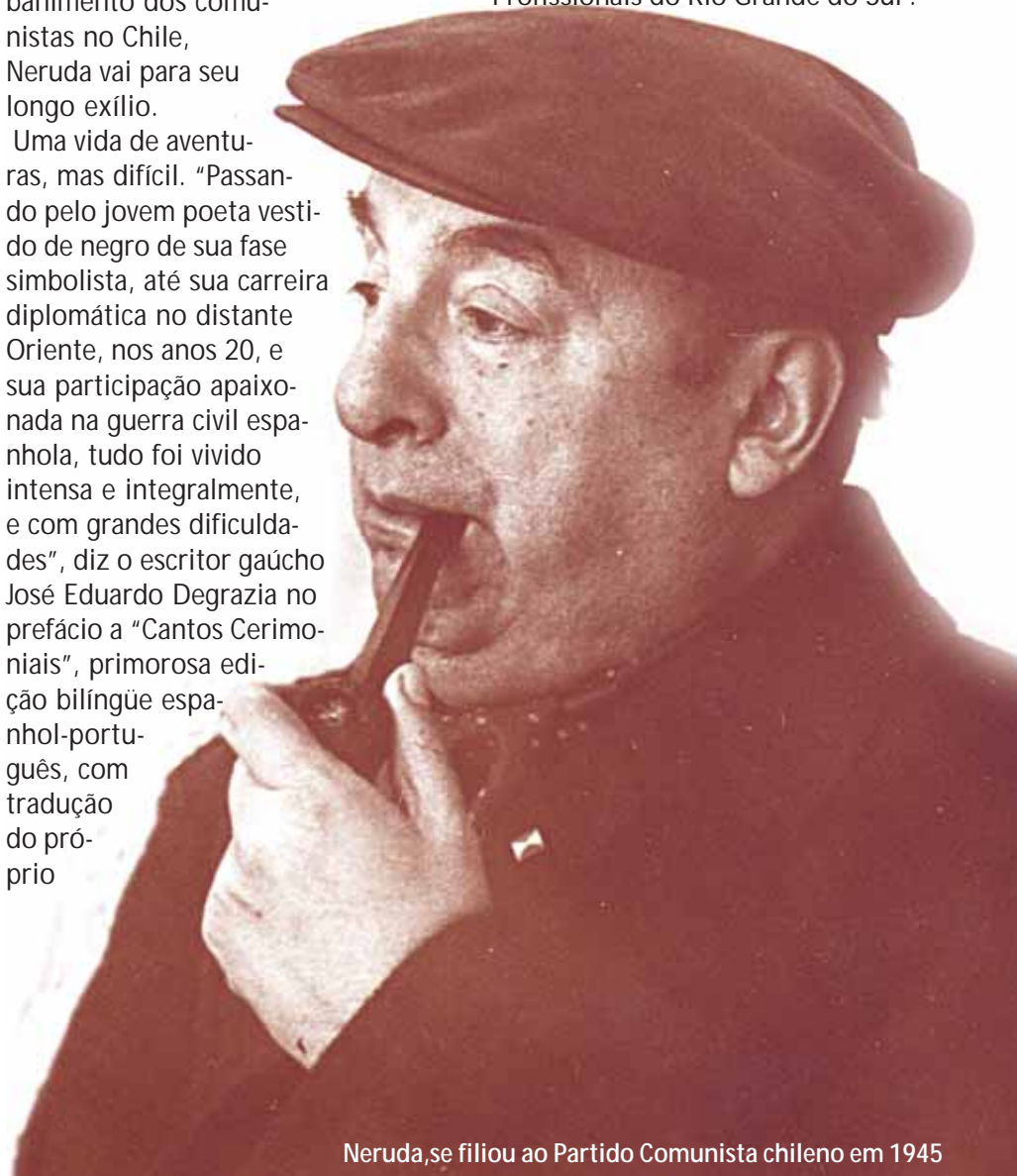
Em 1941, a ofensiva das tropas nazistas contra a União Soviética e mais a expansão global da II Guerra Mundial encontram o poeta no Consulado Geral do Chile na Cidade do México. E acentuam o seu engajamento político, definido em 1945 com a filiação oficial ao Partido Comunista. Em “Canto Geral”, Neruda desenvolve seu pensamento marxista. E exalta líderes indígenas latino-americanos, heróis políticos, batalhas históricas, mais as histórias sociais e políticas do continente. Em 1948, com o banimento dos comunistas no Chile, Neruda vai para seu longo exílio.

Uma vida de aventuras, mas difícil. “Passando pelo jovem poeta vestido de negro de sua fase simbolista, até sua carreira diplomática no distante Oriente, nos anos 20, e sua participação apaixonada na guerra civil espanhola, tudo foi vivido intenso e integralmente, e com grandes dificuldades”, diz o escritor gaúcho José Eduardo Degrazia no prefácio a “Cantos Cerimoniais”, primorosa edição bilíngüe espanhol-português, com tradução do próprio

Degrazia.

A obra de Neruda permanece à disposição dos leitores brasileiros com a Coleção L&PM Pocket. Além da obra já citada, as livrarias têm lançamentos mais recentes: “As Uvas e o Vento”; “O Coração Amarelo”; “Livro das Perguntas”; “Residência na Terra” (em dois volumes); “Jardim do Inverno”; “A Rosa Separada” e “Elegia”, entre outros livros do escritor chileno. É ler e conferir ■

(*) Jornalista integrante da Comissão de Ética do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul .



Neruda, se filiou ao Partido Comunista chileno em 1945

A Épica Revolucionária

Estas fotos foram apresentadas na mostra "A Épica Revolucionária Cubana" uma seleção inédita de imagens da revolução (1959-1969), que foi exposta no Sesc de São Paulo. O público pode ver 69 imagens em preto e branco de oito fotógrafos considerados os expoentes da fotografia do período, entre eles Alberto Díaz - Korda, Raúl Corral - Corrales (falecido em abril de 2006), Oswaldo Salas e Roberto Salas. "As fotos foram feitas nos primeiros anos da revolução, suas características, contexto, motivações, dificuldades e o papel da fotografia no cenário cubano atual", diz Fernanda Cerávolo, a

produtora executiva da mostra no Brasil.

"A Épica Revolucionária Cubana" foi organizada pela fotógrafa e pesquisadora cubana Marucha (Maria Eugenia Haya, 1944-1991), fundadora da Fototeca de Cuba em 1986. Ela é a precursora na organização do material fotográfico produzido durante os primeiros anos da Revolução Cubana em um ensaio intitulado "Apuntes para una historia de la fotografía em Cuba" publicado por ocasião da exposição "Historia de la fotografía cubana", exibida no Museu Carrillo Gil no México em 1976. A partir deste ensaio,

Cuba herdou aproximadamente 60 épicos que refletem as características da fotografia do período da revolução, segundo o curador da exposição, Nelson Ramirez de Arellano, da Fototeca de Cuba.

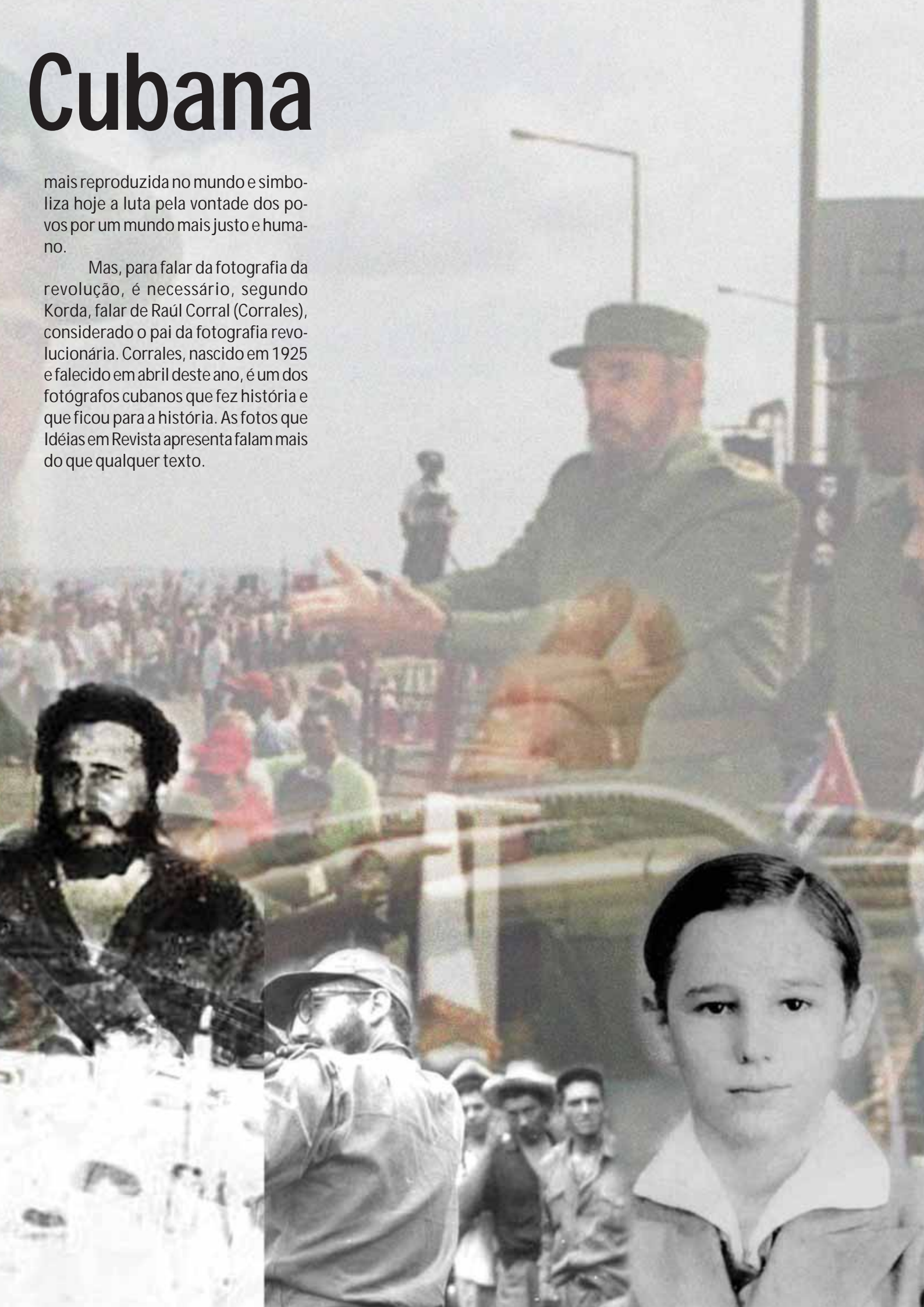
Dos fotógrafos cubanos, o mais conhecido, sem dúvida, é Aliberto Díaz (Korda), o autor da foto do Guerrilheiro Heróico, realizada acidentalmente com uma câmera de 35 mm, que retrata o comandante Ernesto Ché Guevara olhando para o horizonte durante um ato público em homenagem às vítimas de um ato terrorista patrocinado pelos Estados Unidos. Trata-se da foto



Cubana

mais reproduzida no mundo e simboliza hoje a luta pela vontade dos povos por um mundo mais justo e humano.

Mas, para falar da fotografia da revolução, é necessário, segundo Korda, falar de Raúl Corral (Corrales), considerado o pai da fotografia revolucionária. Corrales, nascido em 1925 e falecido em abril deste ano, é um dos fotógrafos cubanos que fez história e que ficou para a história. As fotos que Idéias em Revista apresenta falam mais do que qualquer texto.



Igualdade de Gênero e Raça, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego

Um Programa de Fortalecimento Institucional da OIT (*)

A promoção da igualdade de oportunidades e a eliminação de todas as formas de discriminação são alguns dos elementos fundamentais da Declaração dos Direitos e Princípios Fundamentais do Trabalho e da Agenda do Trabalho Decente da OIT.

Uma condição para que o crescimento econômico dos países se traduza em menos pobreza e maior bem-estar e justiça social é melhorar a situação relativa das mulheres, negros e outros grupos discriminados da sociedade e aumentar sua possibilidade e acesso a empregos capazes de garantir uma vida digna para si próprios e suas famílias.

A pobreza está diretamente relacionada aos níveis e padrões de emprego, assim como às desigualdades e à discriminação existentes na sociedade. Além disso, as diferentes formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem à pobreza e são responsáveis pelos diversos tipos de vulnerabilidade e pela criação de barreiras adicionais para que as pessoas e grupos discriminados superem a situação de pobreza.

Gênero e raça/cor são fatores muito importantes para determinar as diferentes possibilidades dos indivíduos de terem acesso a um emprego e nas suas condições de trabalho: remunerações, benefícios e possibilidades de proteção social. Desse modo, gênero e raça condicionam a forma através da qual os indivíduos e as famílias vivenciam a situação de pobreza e conseguem ou não superá-la.

A erradicação da pobreza vem sendo considerada uma das maiores prioridades para a construção de sociedades mais justas, assim como vem aumentando o reconhecimento de que as causas e condições de pobreza são diferentes para homens e mulheres, negros e brancos.

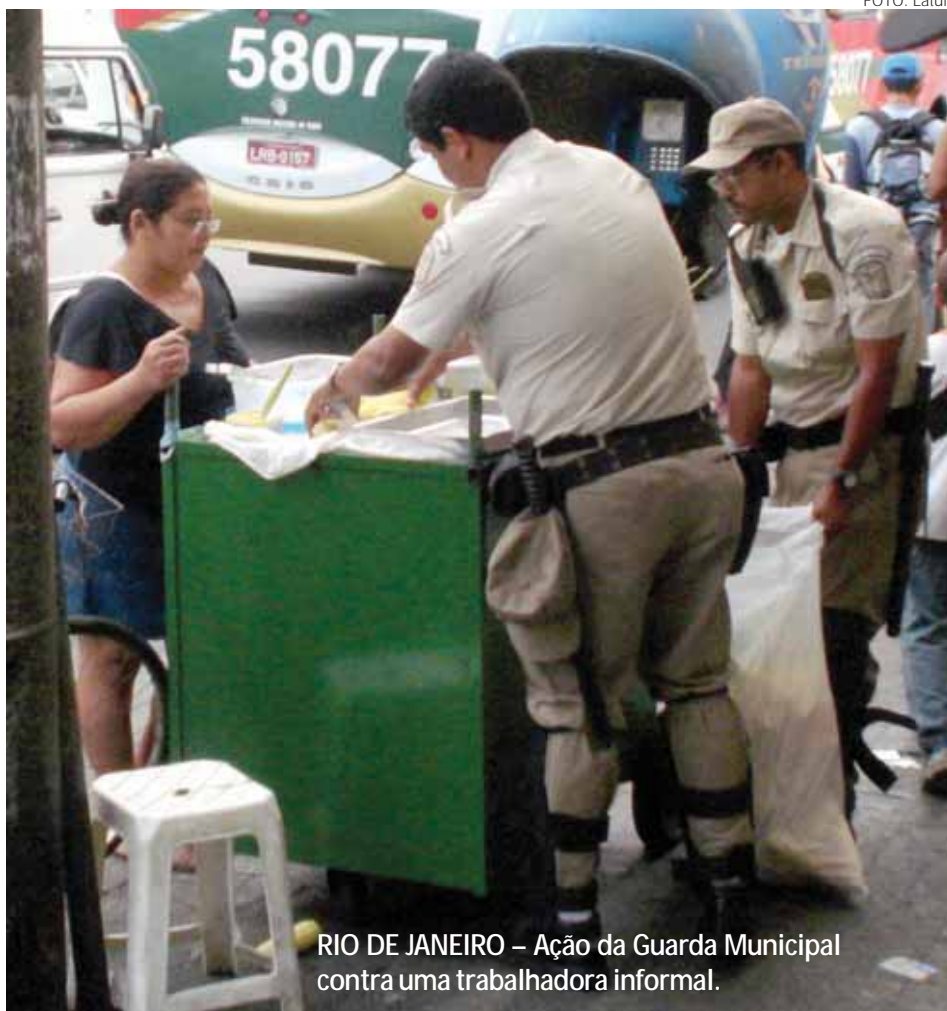


FOTO: Latuff

RIO DE JANEIRO – Ação da Guarda Municipal contra uma trabalhadora informal.

Seminário Nacional sobre Emprego Decente e Organização Sindical das Mulheres

Nos dias 10 e 11 de outubro de 2006, as três maiores centrais sindicais brasileiras – CUT, CGT e Força Sindical – estarão organizando um seminário para discutir as questões do mundo do trabalho e as mulheres, justamente para avaliar e debater novas perspectivas de trabalho digno para as mulheres. Esta é uma iniciativa que representará um marco na atuação sindical, já que são Centrais que têm correntes ideológicas diferentes, porém conscientes da precarização do trabalho feminino e por consequência do empobrecimento das mulheres trabalhadoras.

Ver mais www.cut.org.br.

Por isso, estão sendo realizados esforços para que as necessidades das mulheres e negros sejam consideradas de forma explícita e efetiva nas estratégias

de redução da pobreza e nas políticas de geração de emprego e renda ■

(*)Extraído da página www.oit.org.br

Campanha da CUT lutará por reivindicações comuns



Neuza Luzia, presidente da CUT-RJ

Max Leone

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) lançou no dia 1º de setembro a Campanha Unificada dos Trabalhadores. Os pontos principais do movimento são salário, emprego, jornada de trabalho, saúde, segurança, direitos sindicais e políticas públicas. A CUT representa cerca de 23 milhões de trabalhadores da cidade e do campo em todo país. No Rio de Janeiro, a campanha foi lançada na Central do Brasil. Bancários, trabalhadores de processamento de dados, eletrici-

rios, vigilantes, porteiros, trabalhadores do saneamento, trabalhadores da alimentação, camelôs, metalúrgicos, professores, trabalhadores da UFRJ participaram do ato de lançamento.

– Em breve estaremos aqui na Central do Brasil novamente. Só sairemos das ruas quando todas as nossas reivindicações forem atendidas – afirmou a presidente estadual da CUT-RJ, Neuza Luzia durante a manifestação na Central do Brasil.

O objetivo da CUT é negociar os temas da campanha com governos e empresários em busca de acordos que

beneficiem todas as categorias profissionais. A central quer repetir o sucesso que sindicalistas europeus têm conseguido nas negociações com os patrões. O modelo utilizado no Velho Mundo tem resultado em grandes avanços para os trabalhadores. De acordo com a central, a Campanha Unificada dos Trabalhadores não substituirá as tradicionais campanhas salariais das categorias. A CUT defende cada vez mais a união dos trabalhadores na luta por melhores condições de trabalho e salários, além da democratização das relações trabalhistas.

– A campanha não tem prazo de validade. É permanente. Vamos trabalhar por ela o tempo que for necessário para alcançarmos as conquistas que todos os trabalhadores do Brasil precisam e desejam – afirma o presidente nacional da CUT, Artur Henrique, ressaltando que haverá mobilizações de rua, para mostrar o quanto a campanha é importante para o trabalhador.

SEIS HORAS

A CUT lutará pela redução da jornada de trabalho, para que passa a ser de seis horas. A reivindicação é aprovar a Emenda Constitucional 393, que prevê a redução das horas trabalhadas, sem diminuição do salário. Inicialmente, a jornada passaria a ser de 40h semanais e, num segundo momento seria transformada em 36 horas.

– Os trabalhadores querem negociar com o setor patronal a redução de pelo menos 10% da jornada sem reduzir salário – explica Artur Henrique.

As horas extras também serão alvo de negociações. De acordo com a proposta de Projeto de lei elaborada pela CUT – que substitui o artigo 59 da CLT, que trata das horas extras – a intenção é estabelecer em negociação coletiva uma cláusula de limitação dos extraordinários



Nei Lopes: carioca da gema que além de compositor é escritor

Nei Lopes

Um resistente cultural do samba de raiz

*A rigor Nei Lopes, um carioca da gema, é uma figura que dispensa apresentação. Para quem eventualmente não o conheça, vale como primeira definição que se trata de um resistente cultural. Nei é, sem dúvida, um dos mais importantes compositores de samba de raiz, gênero que ele divulga em todo o país em suas constantes apresentações em shows. Além de compositor brilhante e cantor, Nei é escritor e autor de um importante Dicionário Banto, inicialmente não aceito pelo mundo acadêmico, mas que acabou "liberado" nessa área, depois de ter sido recomendado por nada mais nada menos que o intelectual Antônio Houaiss em seu Dicionário Houaiss. Nesta entrevista exclusiva à **Idéias em Revista**, Nei Lopes fala sobre o mito da democracia racial brasileira e defende com veemência a adoção das quotas raciais na universidade. Participaram da entrevista Roberto Ponciano, Flávio Prieto e Claudio Camillo*

Mário Augusto Jakobskind

Idéias em Revista - Você é natural do Rio de Janeiro, carioca da gema?

Nei Lopes - Nasci no subúrbio de Irajá, em 1942, em uma família em que não conhecemos nenhum ancestral de outra origem que não a cidade do Rio.

Idéias - Que pontos destacaria em sua carreira profissional?

Nei Lopes - *No campo da música, minhas cinco parcerias com o maestro Moacir Santos, no CD duplo "Ouro Negro" em 2001. Coloquei novas letras em canções já existentes, (letras mesmo e não versões) que foram gravadas por Gilberto Gil, Milton Nascimento, Djavan, João Bosco e Ed Motta). No campo mais amplo, destaco o recebimento, em novembro de 2005, da medalha da Ordem do Mérito Cultural, pelo conjunto da minha obra, livros e canções.*

Idéias - Como e quando começou a compor? E a escrever livros?

Nei Lopes - A carreira profissional de compositor começou em 1972. Mas o primeiro sambinha, quando fiz, ainda estava no ginásio, por volta de 1955. O primeiro livro foi publicado em 1981: "O Samba, na realidade... A utopia da ascensão social do sambista" (editora Codecri).

Idéias - Além de compositor, um resistente cultural do samba, você é autor de um dicionário Banto, escrito nos anos 90. Como foi a acolhida deste dicionário?

Nei Lopes - *O dicionário foi precariamente editado por um setor da Prefeitura do Rio em 1996. Quase ninguém tomou conhecimento. Um certo setor "acadêmico" meteu o pau, dizendo ser trabalho de amador, de um enxerido que não tinha formação para fazer aquilo. Mas aí veio o professor Antônio Houaiss e ressaltou a importância da obra, incluindo-a na bibliografia técnica do grande Dicionário Houaiss e citando minhas hipóteses etimológicas em mais de 300 verbetes. Então, a polêmica acabou e fizemos uma edição caprichada, com o nome de "Novo Dicionário Banto do Brasil" por Pallas Editora.*

Idéias - Quais são os seus outros projetos em matéria de pesquisas sobre afrodescendentes?

Nei Lopes - *Em 2004, publiquei, por Edições Selo Negro a "Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana". Ela acabou por gerar um "Dicionário Escolar Afro-Brasileiro", que será lançado em outubro pela mesma editora. Em 2005, lancei "Kitábu, o livro do saber e do espírito negro-africanos" (Senac-Rio) e esse livro me levou ao "Dicionário da Antiguidade Africana", que sairá no princípio de 2007 pela Record. Para este ano, ainda temos a 2ª edição revista e atualizada de "Bantos, Malês e Identidade Negra (Autêntica, Belo Horizonte) e "Vinte contos e uns trocados", ficção, que sai este mês pela Record. E, no momento, depois de ter terminado um romance, ainda sem editora, estou escrevendo um "Dicionário Literário Afro-Brasileiro". Compor dicionários é muito bom! E depois da Lei que visa incluir conteúdos de História africana e afro-brasileira nos currículos escolares, além de gostoso passou a ser necessário. Estou começando também a esboçar um romance histórico sobre o ambiente da "Pequena África" da Praça Onze, com seus sambistas e macumbeiros.*

Idéias - Como vai o samba hoje neste mundo globalizado e em que os canais de televisão dão prioridade ao custo zero de enlatados e que impõe músicas e até mesmo lixos culturais? Em suma: como é ser um resistente cultural a esse esquema?

Nei Lopes - *Eu tenho conseguido gravar bastante com Zeca Pagodinho, Dudu Nobre e Alcione, que são bons vendedores. E tenho feito shows, cantando, fora do Rio. Então, do meu ponto de vista, não há muito do que reclamar. O samba bom construiu um circuito "off media", que atrai bons públicos por esse Brasil afora. Aí, a gente não fica rico (deve ser chato ser rico!) mas é remunerado condignamente, bem além da média do trabalhador brasileiro.*

Idéias - Fale algo sobre sua última gravação, último trabalho.

Nei Lopes - *Minha "última gravação" é um DVD, ainda em fase de montagem, que parte de um show feito no auditório do Itáú Cultural, na Avenida Paulista e se estende por um pagode aqui na minha casa, em Seropédica, e entrevistas com amigos famosos e anônimos, em vários locais, inclusive no Irajá, onde nasci. Mas não sei ainda quando será lançado.*

Idéias - Ney, você acha que o samba ainda é a síntese do Brasil e que representa a essência da nossa cultura musical? Quem foi, na sua opinião, nosso maior sambista?

Nei Lopes - *O bom samba sempre vai ser a síntese do Brasil. E o "nosso maior sambista" foram vários. Cito Candeia, pela posição política; Padeirinho da Mangueira, pelo estilo; Geraldo Babão (Salgueiro), pela verve... Mas houve muitos outros, grandes ritmistas, assistas, líderes... .*

Idéias - Qual seria a estratégia correta para que a boa música de raiz (como a sua) não morresse e pudesse ser passada às novas gerações e por elas cultivada, espe-

cialmente no Brasil?

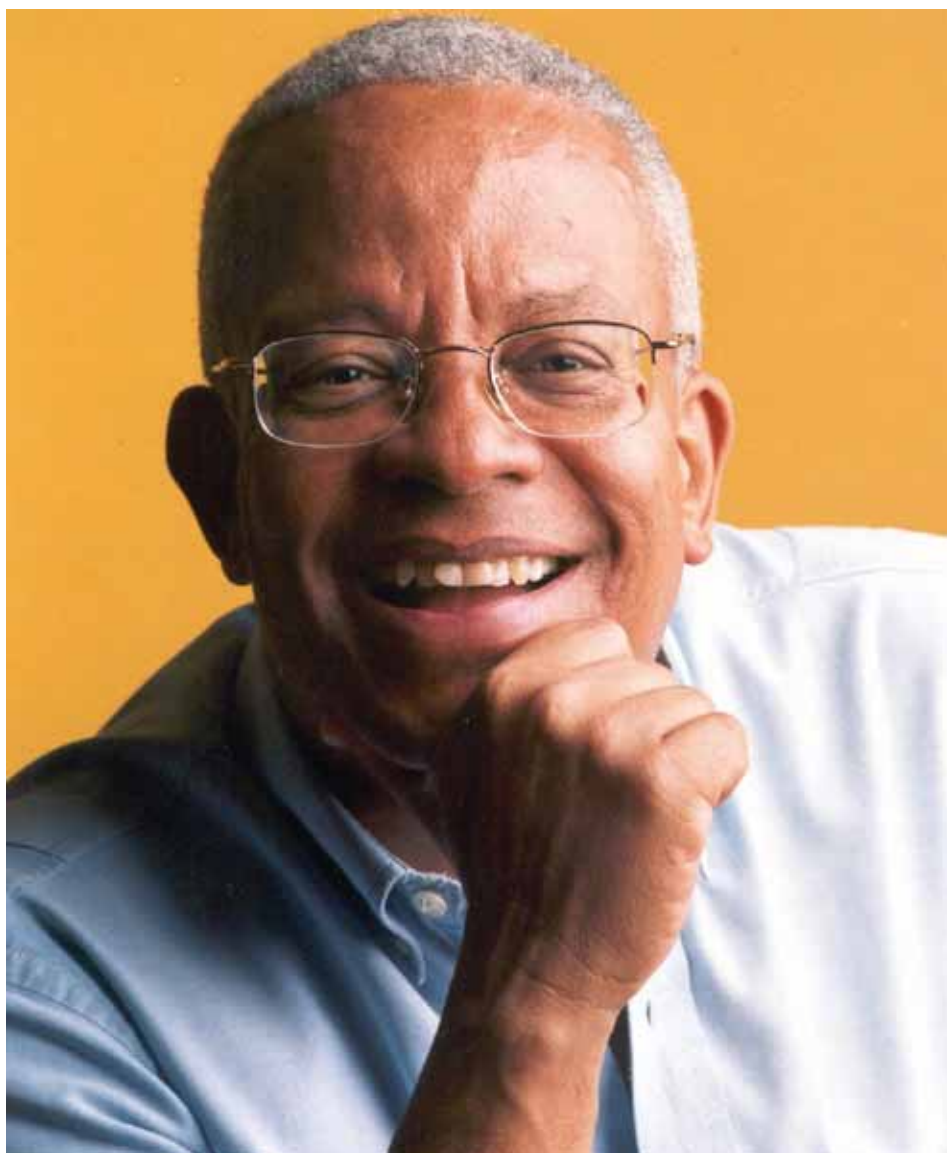
Nei Lopes - *Não acho que a minha música seja assim tão "de raiz", não. Sou aberto a muitas influências. Meu mais recente CD, pela gravadora Fina Flor, chama-se "Partido ao cubo", ganhou o prêmio Tim, como melhor disco de samba em 2005, mas ensaia uma aproximação com a música afro-cubana. Agora, quanto à estratégia de continuidade confesso que não sei, não. A briga é feia. Nossa produção mais conseqüente não toca no rádio e na TV e não chega aos grandes pontos de venda. Então...*

Idéias - Como você analisa o que o Eduardo Galeano chamou de a Ditada da Imagem Única, a mídia, que exerce uma espécie de censura à boa música brasileira, incluindo o samba, repetindo somente aquilo que não tem qualidade? É o povo que não gosta da boa música, ou esta é imposta de maneira repetitiva pela TV e pela rádio?

Nei Lopes - *A indústria fonográfica brasileira domina a grande mídia. E aí os jornalões, em nome de uma coisa vaga chamada "tendência de mercado", só fazem o que ela quer. Você já viu a quantidade de matérias sobre grupos de rock estrangeiros que ninguém ouviu falar com que O Globo se ocupa quase que diariamente? Você já viu o tablóide semanal "jovem" desse jornal como é que faz? Inventaram essa coisa de música "jovem". Música jovem é a de Mozart, que começou a compor com 5 anos. É ou não é?*

Idéias - Há muito que o conceito de democracia racial no Brasil foi por água abaixo. Como analisa esta questão?

Nei Lopes - *A discussão do racismo brasileiro, que sempre foi velada, chegou aos jornais, à televisão, agora, com a questão das ações afirmativas. Vocês repararam, naquele manifesto de intelectuais contra as cotas, os sobrenomes estrangeiros da maioria deles? Isso diz muita coisa. A estraté-*



Nei Lopes, um resistente cultural do samba

gia de embranquecimento planejada para o Brasil foi um tiro que saiu pela culatra, pois os mestiços enegreceram, tanto física quanto ideologicamente.

Aí, os filhos dos imigrantes que vieram “embranquecer” o país, agora estão botando a boca no trombone, com medo de perder seus privilégios.

Idéias - Como você vê a demonização dos cultos afrobrasileiros no País por algumas igrejas evangélicas? Não é uma forma de racismo?

Nei Lopes: *É uma das formas mais terríveis, truculentas e destruidoras. Do jeito que vai, eles acabam com a cultura afro-brasileira.*

Idéias – Fala-se muito no racismo contra a pele negra, e o racismo con-

tra a cultura negra, contra a contribuição negra a nossa formação cultural? Não passa despercebido?

Nei Lopes - *Passa despercebido porque a indústria cultural, no geral, coopta essa cultura e a glamoriza, pondo-a ao seu jeito.*

Idéias - Um tema bastante polêmico tem provocado discussões e debates intermináveis: o das quotas para o ingresso nas universidades. Como analisa esta questão?

Nei Lopes - *Eu não analiso. Eu sou a favor e pronto! É claro que a gente precisa melhorar a educação de base, papati, patatá. Mas quanto tempo levaria isso para dar os resultados necessários? Essa questão é urgentíssima. Temos que ter negros na universidade, já! Como alunos e professo-*

“Os jovens negros de hoje são os descendentes dos construtores da Nação brasileira. Daqueles que após 1888 foram jogados na rua, na sarjeta, sem terras, sem trabalho, apenas com uma falsa ‘carta de liberdade’ na mão.”

res. Para formar uma nova consciência. Se existem cotas para mulheres, deficientes, filhos de professores (nos colégios de aplicação), por quê não para negros. Aqui em Seropédica, onde moro, existe a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nela, nos anos 50, parte das vagas nos cursos de agronomia eram reservadas aos filhos dos agricultores locais. E ninguém ia para o jornal reclamar. Os jovens negros de hoje são os descendentes dos construtores da Nação brasileira. Daqueles que após 1888 foram jogados na rua, na sarjeta, sem terras, sem trabalho, apenas com uma falsa “carta de liberdade” na mão. Aí, deu no que deu. E a solução agora, já, é botar essa rapaziada na escola. Os melhores vão sobressair, é claro!

Idéias - Partindo do pressuposto que a declaração de voto não precisa ser necessariamente secreta, em quem pretende votar neste 1º de outubro próximo? Por que?

Nei Lopes - *As propostas do professor Cristóvão Buarque são muito interessantes. Mas eu acho que ele deveria estar compondo um novo governo Lula, já limpo das maracutaias e se consolidando. Um mandato de quatro anos para consertar erros que vêm de longe é muito pouco.*

Idéias - Alguma mensagem especial para os servidores do Judiciário Federal, o público alvo esta revista Idéias?

Nei Lopes - *Que lutem pelo saneamento e pela desburocratização desse Judiciário!*

O eleitor médio de Lula e a questão da auto-estima do pobre e do trabalhador

Sidarta Soria-Silva (*)

Um grupo de cozinheiros e garçons agitando bandairas na sacada do restaurante...Na ausência de shows (os "showmícios" foram proibidos pelo TSE), chamava a atenção o número de pessoas presente na praça, que estavam ali para ouvir os políticos falando de política. Em 26 de agosto, o comício de candidatos petistas foi no Largo do Rosário, Centro de Campinas. A dinâmica do comício seguia seu curso normal, até que, no meio do discurso de Mercadante, ouviu-se o som de um apito, que invadiu a praça, tão alto que o forçou a parar de falar.

Na sacada do segundo andar de um dos bares mais requintados de Campinas, um grupo de cozinheiros e garçons havia acionado um apito de maria-fumaça. Desde a fundação do bar, o apito havia sido usado por um punhado de trabalhadores que, espremendo-se na sacada apertada, agitavam bandeiras do PT e de Lula.

Jantando em um restaurante, o maître se aproximou de mim e, discretamente, me perguntou se eu lembrava de ter con-

versado com ele, há quatro anos, sobre política e as preferências para as eleições de 2002. Olhei para ele e respondi que sim, ele olhou para os lados e me perguntou: "E desta vez?". Disse-lhe que, embora não tivesse feito tudo que eu gostaria ou esperava, votaria uma vez mais em Lula. Ele então sorriu e, depois de olhar mais uma vez para ver se não havia algum ouvido indesejável por perto, disparou com orgulho: "Então somos dois. O dono é Alckmin, mas aqui, 80% da rapaziada (os garçons) votam no Lula".

Em uma obra no Espírito Santo, subcontratada por uma importante empresa brasileira, um amigo que lá trabalha contou que os peões são em sua esmagadora maioria Lula, num misto de admiração e orgulho, e que apoiar Alckmin é quase um insulto para eles. Em Recife, conversei com três taxistas, em trajetos diversos. O fato interessante foi que os três iniciaram a conversa perguntando sobre as eleições. Os três apoiavam Lula. Um disse que não se corrigem injustiças de décadas ou séculos de uma hora para outra, e que Lula fez bastante em tão pouco tempo.

O que explicaria tal fenômeno? Poder-se-ia dizer que o governo Lula promoveu algumas melhoras efetivas em segmentos sociais diversos, na forma de políticas públicas voltadas para os estratos sociais mais baixos, e alcançando também parcelas das classes médias. Aparentemente, existiria um traço psicológico novo nestes indivíduos que constituem a maioria favorável a Lula no atual pleito, relativamente às majorias que, no passado, votaram contra Lula. Antes, o voto dos indivíduos de estratos sociais mais baixos contra Lula seria uma expressão da sua baixa auto-estima.

A partir da vitória de Lula ter-se-ia em curso uma pequena revolução no psiquismo de tantos indivíduos pertencentes às massas populares ou assalariadas: a referência agora passa a ser um trabalhador, que, permanecendo identificado com a classe trabalhadora e com os estratos sociais mais baixos, alcançou os vãos altos a que qualquer indivíduo poderia aspirar ■

(*) É sociólogo, doutorando em sociologia (IFCH/Unicamp).



O dilema da Santa Aliança contra Lula



Valter Pomar (*)

Parece definitiva a inflexão na estratégia eleitoral oposicionista. Até o final de agosto, ela estava focada na crítica às políticas econômica e social do governo Lula. Não deu certo. Ao invés de minguar, o bolo cresceu.

Só resta agora, às oposições, bater forte na conduta moral do governo, associando-a às denúncias de corrupção, e à suposta traição do PT e de Lula aos ideais que pregavam antes de 2002.

Um dos problemas dessa inflexão consiste em explicar por que, apesar da suposta traição de Lula a seus ideais, toda a direita, o grande capital e os grandes meios de comunicação estão hoje, esmagadoramente, contra a

reeleição. Ou alguém acredita que Globo, Folha, Estadão, Veja e outros representantes midiáticos do capital estão trabalhando pela vitória de Lula?

Esse é o dilema da fração esquerdista da Santa Aliança contra o PT e Lula. Ela não quer entender que, mesmo que tenham ocorrido mudanças nas posições do PT e de Lula, tais mudanças não modificaram a essência das posições de classe, políticas e ideológicas que os dois representam na sociedade brasileira. Não fosse isso, as tentativas de aliar o PT aos partidos da direita, como o PSDB e o PFL, já teriam ocorrido.

Esse dilema vai aumentar à medida que a direita ingressar, como quer FHC, em articulações golpistas. Ou alguém pode supor que FHC fez ape-

nas arroubo literário ao lamentar que, no Brasil de hoje, não exista alguém como Carlos Lacerda, para "dramatizar e cobrar", dar "nome aos bois", arriscar e botar fogo no palheiro? Ou, que tucanos e pefelistas, ao questionarem a legitimidade da vitória de Lula, utilizando-se de qualquer tipo de argumento, estão apenas fazendo terrorismo psicológico, como em 2002?

As classes dominantes não engoliram a derrota de 2002. Não se conformam que a esquerda governe, por mais concessões que ela lhe tenha feito. E não querem correr o risco, com a vitória de Lula, de que o PT se recomponha da crise de 2005, e tenha a chance de colocar em prática, e consolidar, uma "hegemonia de longa duração". Para elas, não está em jogo apenas a reeleição de Lula, mas a possibilidade de serem construídas, num segundo mandato, as bases institucionais e sociais de uma hegemonia popular.

Não querem correr o risco de perder, além dos setores pobres, que sempre constituíam seus currais eleitorais, também os setores médios da população. Se isto ocorrer, permitirá a construção de uma aliança social de esquerda no Brasil, sem paralelo em sua história. É risco em demasia. Por isso, uma parte da direita está consciente de que uma derrota em 2006, principalmente no primeiro turno, pode ser um golpe em suas pretensões de retomar o domínio do Estado, tanto agora como em 2010.

As tentações golpistas têm origem nesse cenário de probabilidades. Seria conveniente que a esquerda oposicionista não pensasse nisso como um simples delírio ■

(*) É escritor e analista político.

As Eleições no Brasil, os trabalhadores e a América Latina



Roberto Ponciano (*)

De maneira nenhuma o governo Lula foi o governo dos nossos sonhos. Em vários aspectos houve equívocos como continuar o receituário econômico de FHC, de ancorar o desenvolvimento nacional no investimento externo. Mas é claro que tivemos progressos, não há como negar: o fim das privatizações, a reestruturação da máquina do Estado (mais de 50 mil servidores públicos contratados), a recuperação de parte da indústria pesada nacional, como a portuária, a auto-suficiência, o fim das negociações da Alca, a política externa soberana, que desafiou os EUA.

No contexto das eleições deste ano, temos de politizar nosso voto e sair do discurso do falso moralismo. É claro que não defendemos corruptos, lugar de bandido, ainda mais de gola branca, é na cadeia, mas não é isto que vai pautar o futuro do país. O que vai determinar se teremos chance de nos desenvolvermos como nação soberana não é a questão de se debater um falso moralismo clerical. São outras as questões.

Que política econômica queremos? Terá o próximo governo condições de defender os interesses dos trabalhadores, ou vai pautar sua política pela ótica dos patrões? Terá autonomia para governar ou será apenas uma agência de Estado norte-americana?

Há claramente duas opções. Uma a da volta do neo-liberalismo feroz, a da perda dos

“Lula não fez o governo dos nossos sonhos, mas há a seu favor o fato de ter encontrado um país quebrado, à beira do abismo e ter recuperado economicamente o Brasil”

direitos trabalhistas, a da venda do patrimônio brasileiro para o capital estrangeiro, a da submissão aos interesses norte-americanos, protagonizado pelo "muderno" Geraldo Alckmin, aquele que quer passar a imagem de gerente "competente". Promete mundos e fundos, como se o Brasil pudesse esquecer o corrupto governo Fegacê, que vai retomar o crescimento (FHC levou o país à bancarrota, elevou o endividamento à altura, queimou as reservas cambiais e vendeu todas as estatais rentáveis), investir em escolas, hospitais, tudo o que o PSDB nunca fez e nunca fará.

De outro lado há candidatos comprometidos com a luta dos trabalhadores como Lula e Heloísa Helena. Lula não fez o governo dos nossos sonhos, mas há a seu favor o fato de ter encontrado um país quebrado, à beira do

abismo e ter recuperado economicamente o Brasil, retomado o crescimento econômico, distribuído renda e mostrado uma preocupação com o social que os governos anteriores tinham relegado a nada. É lógico que uma reeleição de Lula deve vir junto com a luta dos movimentos sociais para que o governo eleito pelos trabalhadores faça a opção pelos trabalhadores e aprofunde as reformas que necessitamos (agrária, urbana, educacional). Não basta votar num governo dos trabalhadores, é necessário fazer com que ele efetivamente seja dos trabalhadores.

Além de tudo, Lula é o contraponto à hegemonia norte-americana na região. Elogiam Chavez, elogiam Evo, mas, sem Lula, nem Chavez, nem Evo seriam possíveis. O eixo Lula-Kirchner-Brachelet-Evo-Chavez é um foco de resistência possível à Alca, em que pesem as diferenças de convicções e propostas. Alckmin é do eixo de Bush, Heloísa Helena não se posicionou sobre a integração da América Latina, independente da dominação yanque.

Por último, o azarão Heloísa Helena. Companheira de lutas de esquerda, sem uma proposta palpável, pode ser o fiel da balança e levar o direitista Alckmin para o segundo turno.

Tudo o que nós, trabalhadores, não precisamos ■

(*) Diretor do SISEJUFERJ

A soberania de Cuba deve ser respeitada

Diante das constantes ameaças do governo dos Estados Unidos, mais de 400 personalidades de várias partes do mundo divulgaram manifesto pedindo que as autoridades norte-americanas respeitem a soberania da ilha caribenha. A intromissão em questões internas de Cuba chegou ao ponto de a secretária americana de Estado, Condoleezza Rice, ter anunciado a criação de um governo de transição e com o afastamento de Fidel Castro do governo por motivo de doença, sucedem-se os pronunciamentos agressivos e já se admite inclusive que o governo de George W. Bush teria planejado até mesmo uma intervenção militar em caso de falecimento do presidente cubano.

Oito prêmios Nobel, assinaram o manifesto no qual exigem que os Estados Unidos respeitem a soberania de Cuba. O texto também condena as crescentes ameaças contra a integridade territorial da ilha. Entre os signatários do manifesto estão os brasileiros Chico Buarque, Frei Betto e Oscar Niemeyer, além de nomes como Eduardo Galeano, José Saramago, Ignacio Ramonet, Miguel Bonasso, Rigoberta Menchú, Desmond Tutu, Mario Benedetti e Noam Chomsky.

O documento, intitulado "A soberania de Cuba deve ser respeitada", critica a postura de Washington diante do problema de saúde do presidente Fidel Castro, "Devemos impedir a todo custo uma nova agressão", defende o documento, levando em conta a crescente militarização da política externa norte-americana ■

Confira a íntegra do manifesto:

"Desde que foi comunicado o estado de saúde de Fidel Castro e a delegação provisória de seus cargos, altos funcionários norte-americanos têm formulado declarações cada vez mais explícitas acerca do futuro imediato de Cuba. O secretário de Comércio, Carlos Gutiérrez, opinou que "chegou o momento de uma verdadeira transição até uma verdadeira democracia" e o porta-voz da Casa Branca, Tony Snow, disse que seu governo está "pronto e ansioso para outorgar assistência humanitária, econômica e de outra natureza ao povo de Cuba", o que acaba de ser reiterado pelo presidente Bush".

"Já a "Comissão por uma Cuba Livre", presidida pela secretária de Estado, Condoleezza Rice, havia destacado um informe em meados de junho "a urgência de trabalhar hoje para garantir que a estratégia de sucessão do regime de Castro não tenha êxito" e o presidente Bush sinalizou que este documento "demonstra que estamos trabalhando ativamente por uma mudança de Cuba, não simplesmente esperando que isso ocorra". O Departamento de Estado destacou que o plano inclui medidas que permanecerão secretas "por razões de segurança nacional" e para assegurar sua "efetiva realização".

"Não é difícil imaginar o caráter de tais medidas e da "assistência" anunciada se tem-se conta da militarização da política exterior da atual administração estadunidense e sua atuação no Iraque. Ante essa ameaça crescente contra a integridade de uma nação, a paz e a segurança na América Latina e no mundo, os abaixo-assinados exigimos que o governo dos Estados Unidos respeite a soberania de Cuba. Devemos impedir a todo custo uma nova agressão".

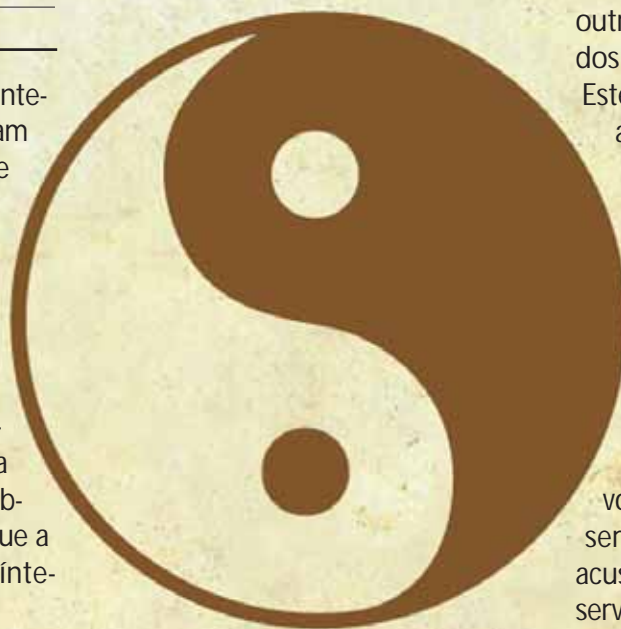
A dupla moral do Ocidente

Emir Sader (*)

Quatro dos mais conhecidos intelectuais ocidentais divulgaram uma carta denunciando o que chamam de "moral dupla do Ocidente" em relação ao que vem acontecendo no Oriente Médio, no conflito entre Israel e Palestina. Noam Chomsky e os escritores Harold Pinter, José Saramago e John Berger assinam o texto que denuncia "uma prática militar, econômica e geográfica de longo prazo, cujo objetivo político é nada menos do que a extinção da nação palestina". A íntegra do documento é a seguinte:

"O último capítulo do conflito entre Israel e Palestina começou quando as forças armadas israelenses seqüestraram dois civis, um médico e seu irmão, em Gaza. Um incidente que teve escassa repercussão nos meios de opinião de qualquer parte do mundo, com exceção da imprensa turca. No dia seguinte, os palestinos tomaram como prisioneiro um soldado israelense – e propuseram libertá-lo negociando um intercâmbio de prisioneiros em mãos dos israelenses. Há aproximadamente 10 mil palestinos detidos nas prisões de Israel".

"Que este "seqüestro" seja conside-



rado uma atrocidade, enquanto que a ocupação militar ilegal da Cisjordânia e a apropriação sistemática dos recursos naturais dos palestinos – principalmente a água – por parte das forças armadas israelenses é considerada um fato da vida, lamentável mas realista, é típico da dupla moral que com frequência emprega o Ocidente frente ao que ocorreu aos palestinos, na terra que lhes foi adjudicada mediante acordos internacionais, durante os últimos 70 anos".

"Hoje, a uma atrocidade segue-se

outra atrocidade; os mísseis improvisados se cruzam com outros sofisticados. Estes últimos, em geral, encontram seu alvo onde vivem os pobres despossuídos e morando empilhados, esperando o que alguma vez se chamou Justiça. Ambas categorias de mísseis dilaceram corpos de maneira horrível – quem senão os comandantes de campo podem esquecer isto por um momento?"

"Cada provocação e contra-provocação é objetada e dá lugar a um sermão. Mas todos os argumentos, acusações e promessas subseqüentes servem como uma distração para desviar a atenção mundial de uma prática militar, econômica e geográfica de longo prazo, cujo objetivo político é nada menos do que a extinção da nação palestina".

Isso deve ser dito em voz alta e clara já que a prática, declarada somente metade das vezes e freqüentemente encoberta, avança a passos acelerados nestes dias e, em nossa opinião, é preciso reconhecê-la constante e eternamente como o que é, e opor resistência a ela" ■

(*) É sociólogo e professor da Uerj

Posse popular de López Obrador

CIDADE DO MÉXICO – O dirigente esquerdista Andrés Manuel López Obrador foi declarado no dia 16 de setembro "presidente legítimo" do México por milhares de simpatizantes presentes na Convenção Nacional Democrática (CND), na praça

do Zócalo. Fontes da CND disseram que nesta reunião foi registrada a participação de 1,2 milhão de "delegados" provenientes de diversos estados do país, que lotaram a principal praça da capital mexicana e as ruas adjacentes. Os "delegados" também rejeitaram "a

usurpação" e rejeitaram Felipe Calderón como presidente da República, assim como os funcionários que ele designar. Na assembléia, os delegados tomaram sua decisão em uma votação direta e definiram que López Obrador deverá tomar posse o mais rápido possível ■

Regras do Jogo!



Já acreditei que o homem foi feito para ser feliz e conquistar a morte. Se tratasse bem o mundo que o acolheu evoluiria até descobrir-se Deus. Digamos, por hipótese, que exista ou tenha existido um Deus – um Deus menor, talvez, não dos mais experientes mas ainda assim bastante competente. Digamos que ele tenha dado ao ser humano um jogo maravilhoso de presente, o Universo, sem porém, ensinar-lhe as regras. Como tudo era belo no mundo – até urubu comendo lixo, pois enquanto faz isso devolve a beleza ao cenário – o homem só precisava aprender as regras do jogo.

Ao descobrir a propriedade e o lucro desistiu e em vez de mover as pedras como no xadrez passou a jogá-las contra os seus semelhantes. Primeiro pedras, depois flechas, punhais, veneno, balas, granadas, bombas. Não houvessem existido alguns

belos pintores, cientistas, filósofos, palhaços, escritores que compreenderam a beleza do jogo, eu diria que o nosso Deus, (sempre que exista) é mesmo adolescente e como tal qualquer dia pode encher-se da sua obra e ir embora atrás de criaturas melhores do que nós.

Nunca a ciência esteve mais evoluída e nunca o caráter do homem retrocedeu tanto. Ignorante, pois li muito e tenho poucas certezas, acabei concluindo que o homem vê na destruição do mundo a sua missão e faz da destruição o elemento principal da existência.

Um exemplo: o moderado Shimon Peres ameaçou aniquilar (ou seja tirar do jogo para sempre) uma das mais antigas peças da Pérsia. Os fabricantes de bomba precisam de guerras e as guerras precisam de mortos, quanto mais melhor. Será que Deus criou os riachos, o por de

sol, o sexo, o colibri, o micro e o macrocosmo, a cachoeira, a luz e o verbo para que um bando de canailhas se locupletassem? Prefiro não acreditar nele a crê-lo conivente com suas piores criaturas.

A nuvem de angústia cobre o mundo e me pergunto por que países como a Alemanha que não tem reservas minerais são tão ricos e nós na América do Sul, que temos essas reservas, somos tão pobres. Eu sei a resposta. O homem se orgulha da Internet. A comunicação nunca foi tão fácil e ninguém se comunica. A Internet é mais usada por pornógrafos, vigaristas e contadores de piada do que por aqueles que ainda acham que o homem é viável. Enquanto alguns criminosos criam vírus para a Internet outros criam doenças para vender o remédio que pode combatê-las. É estarrecedor. Perdemos a capacidade de nos estarrecer. ■

E vai rolar a festa!



A música vai rolar solta no dia 27 de outubro. O SISEJUFE-RJ já começou os preparativos para uma grande festa. Será o mais novo botequim do Sindicato. A direção da entidade fará um convênio com o QG Music Hall, um espaço descontraído, bonito e propício para que todos se divirtam e dancem muito.

Gente bonita, boa música, amizade, azação não vão faltar. A noite será regada com muita música do DJ da casa e show ao vivo de músicos da própria categoria tocando MPB, samba e pop. A entrada é franca, mas os convites serão distribuídos com antecedência, pois o espaço comporta 400 pessoas. Você pagará apenas aquilo que consumir. O QG Music Hall tem todo tipo de bebidas e ainda um buffet maravilhoso.

Assim que os convites estiverem disponíveis o Sindicato distribuirá à categoria por meio de nossos diretores, em cada fórum do Judiciário. No dia não haverá distribuição de convites, portanto, quem não adquirir com antecedência pagará couvert artístico.

Você é nosso convidado. Venha se divertir conosco. Se você é músico e quer participar com sua banda, na nossa festa, ligue para Roberto Ponciano, 9189-9746, ou envie um e-mail para imprensa@sisejuferj.org.br.

Nos veremos por lá!

